

# Os Romances Sentimentais e suas Comunidades de Leitura

## The sentimental novels and their reading communities

Roberta Manuela Barros de Andrade\*  
Erotilde Honório Silva\*

**RESUMO:** As políticas públicas para a leitura, no Brasil, têm, constantemente, minimizado o papel da literatura de massa na formação de leitores. No entanto, o hábito de ler, em especial, romances sentimentais, é extremamente popular em nosso País. Apesar de ser uma prática cultural intensa, na academia, a ausência de reflexões que elegem tal objeto empírico é flagrante. São, pois, as práticas de leitura dos romances sentimentais o objeto de reflexão deste trabalho. A leitura, como nos lembra Sarlo (1990), é uma atividade socialmente condicionada por meio da qual os significados se organizam em um sentido, implica sempre a aquisição de competências, o que Jameson (2010) denomina de contratos sociais entre o escritor e o público que põem em xeque os limites e condições de produção e de recepção de um livro, e que se materializam em suas comunidades de leitura. Nesta pesquisa, elegemos como objeto de análise, uma comunidade de leitura específica, situada no município de Fortaleza, denominada de leitoras da Granja Portugal (GP). Concluimos que a leitura de romances sentimentais não se situa somente como uma opção de lazer, mas também como uma prática cultural que nos dá pistas importantes para compreendermos como uma identidade de gênero é formada e a partir de quais parâmetros é desenvolvida e transformada.

**Palavras-chave:** políticas públicas, literatura de massa, romance sentimental, comunidade de leitura, práticas de leitura.

## As políticas públicas de leitura no Brasil e os Romances Sentimentais

O Brasil tem o maior parque editorial latino-americano, sendo responsável por mais da metade dos livros editados no continente (LINDOSO, 2004). Este dado, no entanto, é incipiente em um país em que as políticas de incentivo

à leitura não vigoram no planejamento escolar. Ademais, a precariedade da educação brasileira oficial, que muda de acordo com a gestão política, tem como resultado um baixo nível da qualidade de ensino, trazendo como consequência péssimos resultados estatísticos no índice de analfabetismo e no de analfabetos funcionais. Isso apenas para citar alguns dos obstáculos à expansão da prática da leitura que está relacionada a esses e a outros fatores. Contudo, a leitura de livros oriundos da literatura de massa, apesar de substancialmente significativa, parece não ter um grande peso na construção dos dados de pesquisa que orientam as políticas públicas para a leitura no País.

Lembramos que no Brasil, as políticas públicas voltadas para o livro, presentes pelo menos a partir do século XIX, chegam até o século XXI, numa trajetória que mescla tanto ações centradas no seu controle e repressão quanto em tentativas de melhoria de seu acesso e distribuição (CROPANI, 1998). Mas, somente em fins do século XX, houve uma preocupação mais efetiva no que tange às políticas que regem o incentivo à leitura, em especial, a partir de programas específicos, que se iniciam particularmente entre os anos 80 e 90 do século XX e perduram até hoje.

Nesta trajetória se destaca o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) possui quatro eixos estratégicos: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação; valorização da leitura e da comunicação e apoio à economia do livro. O que nos interessa, aqui, estão os programas de incentivo à leitura, como os programas Pró-Leitura, Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), Fome do Livro e Vivaleitura (BRASIL, 2004).

Estes programas, ao elegerem como mediação fundamental para a prática de leitura a escola, tendo como pedra angular a biblioteca, dentro ou fora de seus espaços, acabam por desconsiderar as expressões da literatura de massa como elementos substanciais para pensar a sua efetivação, uma vez que tal literatura caminha à margem do circuito da escola e da biblioteca ( a própria Lei Rouanet, que recebe tantas críticas, na área editorial, quase sempre publica “livros de artes”, sempre trabalhando no “circuito oficial de leitura”).

No Brasil, considerado um país de analfabetos e analfabetos funcionais, no qual as campanhas de incentivo à leitura são constantes, é ainda surpreendente que o hábito de ler livros oriundos da literatura de massa ainda esteja fora das estatísticas oficiais dos governos. Apesar de movimentarem um mercado bilionário ao redor do mundo, as políticas públicas têm ignorado, sistematicamente, as práticas de leitura voltadas para o entretenimento. Cabe-nos, pois, salientar que enquanto as políticas públicas ignorarem

sistematicamente a literatura de massa como uma das principais vias de acesso para o incremento dos hábitos de leitura dos brasileiros, elas tenderão a falhar em sua missão primordial: atingir as classes mais carentes cuja cultura familiar e escolar desconhece as práticas de leitura. Mas, o que pensa, hoje, a academia sobre a literatura de massa? Como esta é definida nos círculos especializados?

A literatura de massa é aquela produzida para o entretenimento a partir de uma demanda de mercado destinada a um amplo público consumidor, englobando todas as gerações, gêneros e classes sociais. Esta é entendida como uma narrativa de consumo imediato, repleta de clichês, sem originalidade de estilo, com enredos previsíveis, pouco recorrendo a estruturas de raciocínio mais complexas (SODRÉ, 1978, CALDAS, 2001 e AVERBUCK, 1984). Nesta literatura, existem diversos gêneros e formatos, com unidades temáticas e discursividades distintas.

No interior da literatura, encontramos os livros de ficção científica, os policiais, os de faroeste, os de aventuras, os de autoajuda e, finalmente, os livros sentimentais. Nesta plêiade de gêneros, os livros sentimentais se destacam. Estes são o gênero de ficção mais popular no mundo. Suas histórias centram seu relato no encontro amoroso e em suas dificuldades de realização. Neste caso, as aventuras, os crimes e a ficção científica, por exemplo, funcionam apenas como contexto a partir do qual o amor pode encontrar lugar.

A crítica especializada denomina de romances sentimentais uma obra de ficção que relata histórias de amor que destacam os estados emocionais e os conflitos internos das personagens muito mais do que as suas ações externas (SAMONÁ, 1980). Define-se o romance sentimental como uma história de amor na qual o foco central de desenvolvimento da narrativa é a relação amorosa entre um homem e uma mulher, que encontra conflitos para a sua realização. Mas, em seu desfecho, o amor irá prevalecer, reunindo o casal de amantes em um inequívoco final feliz (RAMSDELL, 1987 e BENJAMIM, 1999).

Estes romances, também chamados de romances “água com açúcar” ou “livros do coração”, são os mais populares dos gêneros de ficção. Os romances sentimentais são responsáveis por mais da metade de toda a produção mundial de ficção vendida na América do Norte. Esta categoria de romance gera um montante de 1,52 bilhões de dólares em vendas, superando qualquer outro gênero disponível, hoje, no mercado. Neste nicho lucrativo, a empresa *Harlequin-Silhouette*<sup>1</sup>, no mercado editorial brasileiro, desde os anos de 1977, publica 80% dos romances produzidos mundo afora, sempre a preços acessíveis, geralmente postos à venda em bancas de revistas<sup>2</sup>. Os

1 Depois que a Harlequin Enterprises, editora radicada no Canadá, comprou a Silhouette, a maior editora do mercado norte-americano de romances, no início dos anos de 1980, este conglomerado monopolizou a indústria de romances em nível global.

2 Atualmente, grandes livrarias brasileiras, como Saraiva e Cultura, têm colocado à venda algumas coleções desta editora, ainda conservando a acessibilidade de seus preços.

romances editados pela *Harlequin-Silhouette* são vendidos em mais de 108 países e traduzidos para 26 línguas. Mais de 50 milhões de mulheres ao redor do mundo leem os livros impressos pela *Harlequin-Silhouette* (DUNGEE, 2003, BUN, 2007)<sup>3</sup>.

Este mercado se expande ainda mais se levarmos em conta a produção destes romances com esquemas de edição mais caros, publicados por editoras de renome, com estratégias de marketing complexas, encontrados nas grandes livrarias dos centros urbanos, e alvo de reproduções hollywoodianas como os sucessos recentes de Nicholas Sparks, quase todos transformados em grandes sucessos de bilheteria. Neste mercado bilionário, o Brasil se destaca como um dos países mais lucrativos para tais editoras.

Neste contexto, os romances de amor encontram um lugar importante nas práticas culturais de consumo da contemporaneidade, sendo um dos poucos produtos massivos cuja leitura é eminentemente feminina.

<sup>3</sup> Apesar de existirem pesquisas que detectam o número de leitores desta categoria de romance na América do Norte e na Europa, no Brasil, tais pesquisas de cunho quantitativo são inexistentes. A academia não tem recursos financeiros suficientes para tal empreitada e o mercado brasileiro não se interessa em investir em tal conhecimento. Assim, só nos resta deduzir o número de leitores no Brasil por intermédio da quantidade de livros sentimentais encontrada no mercado editorial, o que é um recurso notadamente falho porque o sistema de troca de livros, prática contumaz entre os fãs do gênero, e o acesso a novas tecnologias que permitem o download gratuito de exemplares na rede, tornam uma possível quantificação de leitores muito imprecisa.

A difusão mundial do gênero se deu, no Brasil, a partir do século XVIII, favorecida pela técnica da tradução. A prática de sua leitura tornou-se um hábito cultural entre as elites por todo o século XIX (ABREU et alli, 2003), intermediado, principalmente, por editoras francesas de grande porte, que tanto mediavam a tradução de romances ingleses como produziam seus próprios autores. Entretanto, somente nas primeiras décadas do século XX, com a criação de editoras nacionais, o produto inicia seu processo de ampliação de público, entrando no universo das camadas médias brasileiras.

O grande marco dessa trajetória é o lançamento da Coleção Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional (CUNHA, 1999, ANDRADE e SILVA, 2008, 2010b). Com a ditadura militar, estes livros chegam às bancas de revistas, a preços módicos, atingindo agora também às camadas populares (ANDRADE e SILVA, 2010a). Nos anos de 1980, entram em um processo de diversificação de autores e coleções. O marco das vendas destes romances em banca de revistas se dá com a chegada, no Brasil, em 1977, da coleção Livros do Coração, publicada pela *Harlequin-Silhouette*. Em mais de 40 anos de história no Brasil, a *Harlequin-Silhouette* produziu, a preços populares, em bancas de revista, mais de 25 coleções diferentes, com mais de 80 subdivisões. As vendas em banca de revista perduraram até 2011, quando os livros e suas coleções, em sua maioria, deixam de ser vendidos em banca de revista e passam a ser encontrados em forma de e-books na internet.

Apesar de movimentarem um mercado bilionário ao redor do mundo, na academia, a ausência de reflexões que elegem tal objeto empírico é flagrante. Assim, embora a cultura de massa seja objeto de reflexão de várias áreas do

conhecimento, desde o século XIX, pouco destaque tem sido dado a uma de suas expressões mais polêmica: a literatura de massa, e, no caso específico desta pesquisa, aos romances sentimentais. Nesta perspectiva, este trabalho se insere na história das práticas de leitura dos fãs do gênero. Mas, não podemos esquecer que estas práticas de leitura se alicerçam nos chamados protocolos de leitura.

Os protocolos de leitura são características intrínsecas a um texto e a sua impressão que pretendem assegurar, ou ao menos indicar, a correta interpretação que se deveria dar a ele (CHARTIER, 2011). Estes definem quais devem ser os usos adequados do texto ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Todo texto é construído a partir da imagem de um leitor ideal, cuja competência decodificaria o sentido preciso que o autor e o editor do texto pretenderam fornecer a ele. No texto, há determinados elementos que o autor dissemina que orientam sua leitura em uma direção, ao mesmo tempo em que esta orientação se completa na própria matéria tipográfica, em geral, de responsabilidade do editor que, ao acrescentar ou diminuir o número de capítulos, abreviar ou aumentar o número de parágrafos<sup>4</sup>, condensar ou cortar certas passagens, dá uma orientação ao texto que pode comprometer ou não o sentido primário, básico, dado por seu autor<sup>5</sup>.

A leitura, como nos lembra Sarlo (1990), como atividade socialmente condicionada por meio da qual os significados se organizam em um sentido, implica sempre a aquisição dessas competências, o que Jameson (2010) denomina de contratos sociais entre o escritor e o público que põem em xeque os limites e condições de produção e de recepção de um livro, e que se materializam em suas comunidades de leitura.

Porém, há efetivamente uma distância entre o leitor ideal, proposto pelo autor e seu editor, ao leitor real, de carne e osso, aquele que materializa ou não as indicações de apropriações fornecidas pelo suporte material do texto. As interpretações que os leitores dão a uma determinada obra podem acentuar ou escapar do controle hermenêutico do texto proposto por seus protocolos de leitura. Assim, correlata à ordem do livro, temos a desordem de seus usos. Neste contexto, são, pois, os protocolos de leitura, intrínsecos aos romances sentimentais e as práticas de leitura, que dão suporte de sobre qual assunto trata este trabalho.

Para entender estas práticas de leitura, faz-se necessário adentrar nos complexos processos de recepção desses livros que aqui só podem ser compreendidos através da entrada no que chamam de mundo do leitor. Desta forma, ainda que apresentemos a leitura implícita ou visada pelo impresso

4 Um texto de longos parágrafos, em tese, se anuncia a um leitor mais refinado que um texto separado em parágrafos curtos. Esta ideia repousa sobre a noção de que um leitor mais simplório demandará um discurso mais descontinuo. Desta forma, a oposição entre o longo e o curto é uma indicação sobre o leitor visado pelo autor e o editor na construção do texto.

5 Apesar de Chartier (2011) não fazer referência direta ao papel dos tradutores na construção dos protocolos de leitura, afirmo que, no caso de livros que passam pelo processo de tradução, o tradutor toma para si muita das “funções” do editor, modificando o sentido do texto, mas também se aproximando ou se afastando do tipo ideal de leitor indicado pelo autor.

(os seus protocolos de leitura), salientamos que este viés não diz o que é a leitura efetuada. Assim, ao lado do livro, temos os usos do livro. É a fusão desses dois horizontes que constrói o que chamamos de criação social dos bens culturais.

## A Comunidade de Leitura da Granja Portugal

Elegemos como objeto de análise as práticas de leitura de romances sentimentais de uma comunidade de leitura específica, situada no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil, denominada, aqui, de leitoras da Granja Portugal (GP). Estas mulheres foram encontradas no centro da cidade, em nove bancas e um sebo, visitados pela pesquisa, localizados em torno da Praça José de Alencar e das popularmente conhecidas Praça dos Leões e Praça do Coração de Jesus. Foi a partir de contatos angariados em inumeráveis tardes, jogando conversa fora com as compradoras desses romances, clientes desses estabelecimentos, que entramos em contato com a comunidade que ancora a nossa pesquisa.

O grupo de leitoras da Granja Portugal se formou a partir de 2008. A comunidade comporta cerca de quinze participantes. Elas se reúnem no intervalo de tempo entre um mês a dois meses, em casas particulares. Nos encontros, elas trocam livros, emitem opinião a respeito da trama, indicam leituras e falam sobre suas autoras preferidas, mas a conversa não está restrita ao mundo da leitura de romances sentimentais. Inicialmente, se o que as motivava era a mesma “loucura compartilhada pelos romances”, hoje, os encontros têm como mote a comemoração de algum evento do mundo privado de cada uma delas (aniversários, batizados, formaturas etc).

Em geral, as leitoras se conheceram através de contatos diretos, em lugares públicos como as bancas e sebos, mas também em paradas de ônibus, clínicas médicas, locais de trabalho e locadoras de vídeo. Costumam comprar seus livros na Banca Terruã, na Praça do Ferreira, no centro da cidade, mas, eventualmente, consomem livros pelo site da Estante Virtual e pelo Mercado Livre. Em especial, no site da Estante Virtual, dizem encontrar com maior facilidade histórias mais antigas, e, embora a compra seja mais cara (principalmente por causa do frete), segundo elas, quando se encontra um livro especial, vale a pena o gasto extra.

Nessa pesquisa, trabalhamos com o que Radway (1987) e Fiske (1987) classificam como uma comunidade interpretativa e o que Chartier (1998) chama de comunidade de leitura. Comunidades interpretativas ou de leitura significam, aqui, um espaço no qual os leitores constroem e empregam

assunções e estratégias de compreensibilidade em relação à leitura de um dado gênero. Embora semelhantes, mesmo que eventualmente, não tenham contato uns com os outros. No entanto, lembramos que podemos classificar essas comunidades de leitura de várias maneiras.

Existem os “noviços”, os recém-vindos ao gênero, mas que têm interesse em aprender as suas regras, e os leitores incompetentes, que não possuem hábitos de leitura e não têm interesse em tê-lo, pelo contrário, denotam até um certo desprezo por esta prática. Há os leitores “casuais”, que possuem alguma experiência da forma, mas não têm um comprometimento com o gênero. Há os leitores irregulares, que podem ter longa história com o gênero, mas não o leem com frequência, ou cuja leitura é interrompida por longos períodos (por um novo trabalho ou mudanças na rotina doméstica), e os leitores competentes, que possuem hábitos regulares de leitura e possuem grande proximidade com o gênero. É desse último tipo de leitor que trata este trabalho.

O universo da pesquisa situa estas leitoras, prioritariamente, entre 18 e 45 anos de idade. Nossas leitoras são atuantes no mundo do trabalho, exercendo ocupações, as mais diversas, muitas delas, inclusive, trabalhando em mais de uma atividade laboral. São casadas, divorciadas, viúvas e solteiras. Estas últimas predominam em número, ligeiramente sobre as casadas. A maior parte delas não tem filhos. Professam a fé católica, com uma pequena parte constituída de evangélicas. Grande parte das entrevistadas está situada na hierarquia educacional entre o ensino médio completo e o superior incompleto.

A renda média dessas mulheres, em sua maioria, se situa entre 2 e 3 salários mínimos. Entre os lazeres alocados, fora o hábito de leitura, está o de assistir à TV, ir ao cinema, manusear o computador e escutar música. Elas dividem a leitura dos romances sentimentais com outros tipos de romances, como de aventura, suspense e policiais, além da leitura de jornais e periódicos, desde os de informação aos de entretenimento.

O acesso aos livros é dado por empréstimos, pela compra, pela troca ou baixados na internet. Elas compram os livros em banca de revista, em sebos, em livrarias e ainda baixam os livros disponibilizados gratuitamente na rede mundial de computadores, bem como permutam e negociam os romances de “coleções passadas” em bancas de revistas ou em sebos.

Eu compro ou então (pego) com a Suzana com a Crece com as amigas do grupo. Eu compro nas bancas, agora sim eu tenho de livraria mas tem que ser muito bom porque para dá 40,00 reais num livro, há tem que ser assim super

indicado tu vai adorar, aí eu dou 40,00 reais se não só os de banca (Jordana 28, desempregada).

Eu pego na internet. Os livros de banca compro na banca ou nos sebos, hoje em dia tenho comprado (nas bancas) muito pouco só quando realmente eu gosto da história. Nos sebos, bastante. Quando é livro que quero muito compro logo na banca preço de capa (Rafaela, 22, estudante).

O comércio nas bancas e nos sebos dos centros da cidade de romances “antigos” é um negócio com características *sui generis*. As clientes desses estabelecimentos têm duas opções mercantis: 1) Podem comprar os exemplares “velhos” que se encontram amontoados, em quantidades inacreditáveis, em pilhas nas bancas e nos sebos a preços entre R\$1,50 e R\$ 5,00, dependendo da avaliação que o livreiro faça do valor e da qualidade da obra; 2) Podem trocar os seus exemplares antigos, acrescentando entre R\$ 0,50 a R\$ 2,50, ou podem realizar o sistema “2 por 1”, sem mais acréscimos.

Esta avaliação depende também de uma compreensão típica do “mundo das vendas” que se baliza na percepção que o livreiro faz da intensidade do desejo de compra por parte da cliente como também do estado de conservação do livro. Por outro lado, competências específicas dos livreiros sobre as regras e formas do gênero, assim como a experiência adquirida a respeito das coleções mais procuradas e autores mais desejados também entram na pauta de negociação.

Seja como for, tanto a compra direta como os mecanismos de troca requerem uma complexa estratégia de valorização/desvalorização do livro realizada por ambas as partes, em momentos diferentes do processo, que, obviamente, tem como fim último a “pechincha”. Estas estratégias de valorização, do livro a ser “vendido” de um lado e desvalorização do livro a ser “trocado” de outro e vice-versa, exigem do livreiro certo conhecimento da estrutura do romance e de seu peso em suas comunidades de leitoras. Por outro lado, a competência de gênero de nossas fãs pode ser encontrada no próprio processo de seleção das obras a serem consumidas: a maioria de nossas experts selecionam os livros a serem comprados a partir do resumo publicado na contracapa, a partir do conhecimento e ou recomendação de um autor específico ou a partir das imagens das capas.

De primeiro, eu ia pela capa, mas eu aprendi que a capa, às vezes, não é a mesma coisa do conteúdo. Por exemplo, tem um clássico que é da Marcinha [uma amiga da Granja Portugal] que ele é lindo na capa, moreno... aí na história,



ele é louro e cacheado! Eu não li. Tentei pintar o cabelo dele, cortar... não desceu não. Entreguei sem ler. Aí, agora eu vou mais pelo conteúdo (Carla, 38, costureira).

Geralmente eu vou pelo autor, se eu já conheço a autora, eu prefiro, eu já me decepcionei muito com livros por isso, este aí, eu li pela autora, eu já conhecia ela de outro romance, só que não é erótico era um romance mais água com açúcar e eu gostei, e desse dela eu não gostei, vou muito pela autora e muito por indicação também (Juciara, 22, empregada de loja e estudante).

Segundo Radway (1987), o leitor competente indica um tipo de leitura regular, que acaba fazendo com que estas mulheres tenham uma trajetória histórica com o gênero. A maior parte delas começou a ler na adolescência e tem prosseguido na leitura até a contemporaneidade. A comunidade de leitoras da GP inicia sua entrada no universo dos romances sentimentais, no início da adolescência entre os 12 anos e os 15 anos de idade. Em geral, nossas leitoras competentes começaram seu processo de leitura dos romances sentimentais incentivadas por colegas de escola, vizinhas, mães, tias, avós. As nossas leitoras competentes, com idades variadas, iniciaram suas leituras pelos livros populares vendidos em banca de revista (publicados em fins dos anos de 1970, no Brasil, e ainda hoje encontrados em sebos e disponibilizados em sites especializados neste tipo de leitura na internet<sup>6</sup>):

Eu acho que eu tinha os meus 14 pra 15 anos Eu vi uma colega do colégio com um livro, aí eu pedi pra mim ler. Aí pronto, daí eu não parei mais não (Flávia, 36 anos, modelista).

15 anos por aí. Por que a minha mãe lia. A minha mãe sempre teve muito livros de romances lá em casa. Minha mãe lia muito. Aí por estar perto curiosidade de ler. Aí eu passei a pegar os livros dela para ler. Hoje em dia eu leio mais do que ela...(Jordana, 28, desempregada).

Não abandono nunca os livros de banca tem uma estante que tem quase mil livros de banca por isso que me chamam de acumuladora (karla, 40, revendedora de material de laboratório, gerente de TI).

Neste contexto, a leitura dos romances sentimentais, iniciada na adolescência, teve um papel substancial, para as nossas leitoras, na transição do mundo adolescente para o adulto. A compreensão, assim, do processo de leitura de

6 Os romances sentimentais de banca de revista surgiram, no Brasil, em 1977, através do que a editora Abril Cultural chamou de “Livros do Coração” que abarcaram as coleções “Julia, Sabrina e Bianca”, sucessos editoriais entre os anos de 1980 e 1990, se tornando rapidamente ícones de uma geração e sinônimo de romance sentimental no Brasil. Não é, pois, à toa que o consumo destes livros retrata, como relatam os depoimentos, o aparecimento da sociedade leitora do gênero no Brasil.

tais livros nos dá pistas importantes para percebermos como uma identidade de gênero é formada e a partir de quais parâmetros é desenvolvida e transformada.

Esta identidade de gênero, apesar de ser formada em várias instâncias diferentes da vida (trabalho, família, escola, mídia), está fortemente ancorada nas práticas culturais das quais o hábito de ler romances é, para este grupo de mulheres, prática indissociável de seu cotidiano.

Eu acho que é pra desestressar. É minha válvula de escape. Se eu tô com raiva, eu pego um livro vou ler e pronto, passou. Se eu tô com dor de cabeça, eu pego um livro e pronto, passou. É uma válvula de escape mesmo pra mim, me desestressa total. Se eu quiser matar alguém, eu pego um livro e leio e a vontade diminui (Juciara, 22, empregada de loja).

Acho que quando eu estou lendo o romance eu vou viver aquela fantasia que nunca vou viver na vida real, e também os problemas desaparecem, aquelas coisas que ficam perturbando o juízo da gente, o stress some, me distrai e na fantasia tudo é válido é uma forma de tornar a vida da gente mais suave (Juliana, 26, Secretária).

No entanto, o prazer que as mulheres encontram na leitura dos livros sentimentais esbarra, no social, com uma hierarquia dos gostos (BOURDIEU, 1979), que se estabelece a partir das normas cultas, que associam a prática da leitura com a instrução, orientação e educação do espírito (ABREU et alli, 2003). Os círculos especializados taxam os romances sentimentais, pelo menos a partir do século XIX, como propiciadores de leituras superficiais e não reflexivas, exaltando-se não só a perda de tempo que propiciava, mas também a perda de contato com a realidade. Esta representação, originada nos círculos cultos, sobre os romances sentimentais perdura até hoje. Destarte, não é à toa que nossas leitoras competentes, em seus discursos, ressaltam, incessantemente, que não confundem realidade com fantasia, e se fogem da realidade, o fazem de forma consciente.

Nesta perspectiva, as práticas culturais não podem ser dissociadas das lutas pelo poder na arena cultural. Há, segundo elas, uma rejeição do social a este tipo de leitura que não parece ter uma utilidade prática na vida cotidiana, portanto, não colaborando para a obtenção de informações úteis para a vida social. Karla, 40, revendedora de material de laboratório, gerente de TI, conta que um dia, numa loja, o vendedor, ao perceber que ela carregava na bolsa um romance sentimental, teria dito:

Como é que você lê uma coisa dessas, que não tem conteúdo? Se for fazer um concurso, não presta pra nada... Aí eu disse: pra você pode até não servir, mas para mim sim, eu não estou interessada em fazer nenhum concurso. O meu marido mesmo diz: “aí mulher, isso daí é uma besteira. Tu fica lendo essas besteiras, mas eu não dou muita atenção não, que ele já me conheceu lendo (Karla, 40, revendedora de material de laboratório, gerente de TI).

Porém, não é só o marido de Karla que deprecia a leitura deste tipo de livro. Há uma noção no social de que a leitura desses livros é uma perda de tempo. As mães querem queimar, os namorados, maridos, companheiros vender, dar, jogar no lixo, dizem. Neste contexto, as mulheres tentam proteger sua escolha estética pelos livros sentimentais das mais diversas formas: defendem desde a ideia de que se trata de um mero passatempo imune à lógica da instrução, ao fato de produziram conhecimentos sobre o mundo e também sobre a aprendizagem de novos idiomas, além de informações úteis sobre outros países e estilos de vida.

Sou da opinião que tudo que você lê agrega alguma coisa a você. Eu aprendi inglês lendo romances de banca, aprendi francês lendo romances de banca, aprendi sobre outros países. Tem uma série que é Julia Cartões Postais, eles falam da moeda, da comida, da economia do país, dos pontos turísticos, a gente sempre aprende alguma coisa (Karla, 40, revendedora de material de laboratório, gerente de TI).

Assim, os fortes hábitos de leitura relacionados a tais romances (64% das leitoras costumam ler todos os dias e 18%, em dias alternados, perfazendo, entre 4 a 15 livros lidos ao mês, o que reforça a ideia de que se trata de uma prática cultural intensa em suas vidas) têm perdurado por décadas, ainda que as autoras, coleções e subgêneros prediletos, pertencentes ao universo destes romances, venham variando ao longo do tempo.

Estas mulheres tanto consomem estes livros em espaços privados como públicos, de forma isolada ou de forma compartilhada, em momentos específicos ou aleatoriamente. A comunidade interpretativa dos romances sentimentais tem regimes de leitura específicos.

Eu leio todo dia. Eu leio na parada do ônibus, eu leio dentro do ônibus, leio na hora do almoço. Depois do almoço é sagrado, ninguém nem fale comigo que eu não

respondo, que estou na minha hora e quando eu volto para casa e quando chego dentro de casa fico assistindo televisão e nas horas da propaganda, eu levanto o livro e leio. Então, eu leio umas quatro a cinco horas por dia. (Karla, 40 anos, revendedora de material de laboratório gerente de TI).

Neste sentido, os protocolos de leitura intrínsecos aos romances sentimentais indicam que seus enunciados simples, lineares, fechados, produzem um tipo de leitura, nem intensa e nem profunda, que se adéqua a este formato, permitindo a rápida decifração de sequências breves e fechadas (ANDRADE e SILVA, 2011).

## Conclusões

Reforçamos que, segundo Cropani (1998), a Unesco define os elementos que intensificam o estabelecimento das práticas de leitura em quatro: os familiares (ter nascido em uma família de leitores), os escolares (integrar um sistema escolar que valoriza o livro), os pecuniários (o livro possuir um preço acessível) e os simbólicos (o valor social atribuído ao livro). No que se refere ao nosso universo de pesquisa, os dois primeiros fatores, arrolados como essenciais para a prática da leitura, não possuem peso significativo no histórico de vida de nossas leitoras. Estas não fazem parte de uma cultura familiar de incentivo à leitura nem foram partícipes de escolas que incorporassem efetivamente tal prática. Estamos, assim, ainda perante o que chamamos de razões do improvável.

Sabemos que a falta de acessibilidade financeira, existente em nossos grupos, é suprida, em parte, pelo sistema de troca, empréstimos e doações, além de ser facilitada pelos usos de novas tecnologias, como o hábito de “baixar” livros dos sites, o que nos faz levantar uma reflexão sobre como o livro, em sua produção, mas essencialmente também em seu uso, tem se incorporado rapidamente aos novos formatos. Parece-nos, portanto, improvável pensarmos, como desejam algumas correntes mais apocalípticas, no desaparecimento do livro devido à concorrência com outros bens culturais oriundos da sociedade informatizada. Sem dúvidas, não estamos diante de um sistema de oposição, mas de uma convergência tecnológica que está criando um novo contexto de leitura sobre o qual ainda sabemos muito pouco.

Os dados da pesquisa informam que os novos suportes, típicos, por exemplo, do ciberespaço, como a distribuição de cópias digitalizadas dos livros na rede mundial de computadores, com acesso gratuito ou não, têm se incorporado

rapidamente às práticas de leitura da contemporaneidade e se mesclam com a leitura tradicional materializada no livro impresso. O que não compreendemos ainda é como estas duas dimensões de leitura, a impressa e a digitalizada, dialogam uma com a outra, e quais seus lugares sociais nos hábitos cotidianos de consumo de bens culturais na atualidade.

O uso das novas tecnologias da comunicação como veículo de discussão dos romances nos faz refletir sobre o uso destas tecnologias como suporte para os processos de leitura contemporâneos. Além, obviamente, de provocar uma reflexão sobre seus fins políticos à medida em que a produção de conteúdos centralizados nas discussões sobre os livros podem vir a fugir das orientações editoriais que estão por detrás dos grandes lançamentos do mercado dos romances sentimentais. Por outro lado, o fato das apropriações dessas mídias sociais dependerem da interação entre as pessoas para construir conteúdos compartilhados, nos faz perceber a necessidade premente de utilizarmos o conceito de comunidades interpretativas para refletirmos sobre o processo de leitura nas sociedades contemporâneas.

Ressaltamos que tal termo refere-se, fundamentalmente, ao fato de que o ato de ler é um processo interpretativo, partilhado socialmente, pois os leitores, ainda que não tenham contato direto uns com os outros, compartilham assunções sobre o gênero, sua unidade temática e seu estilo, que são, em parte, encontrados na estrutura discursiva do gênero, e, em parte, há memória narrativa que não está somente na ordem dos conteúdos, mas nas das matrizes culturais que estruturam as sociedades modernas (BARBEIRO, 2004), materializadas e reatualizadas por gerações de leitores em seus múltiplos processos de interpretações do texto escrito.

Destarte, lembramos que, nas reflexões sobre as políticas públicas voltadas para o livro, em especial, àquelas direcionadas ao incentivo à leitura, praticamente não há referências à existência do que chamamos, aqui, de comunidades de leitura. A noção de comunidades de leitura nos lembra, ainda, que a leitura de romances sentimentais não se situa somente como uma opção de lazer, mas também como uma mediação para a construção de identidades e de interações moldadas por laços de afeto e solidariedade entre o seu público consumidor.

As leitoras afirmam que um dos maiores prazeres oriundos da leitura é a sociabilidade que tal prática engendra. Todas afirmam “conversar com pessoas” sobre os romances, mas o fazem com diferentes interlocutores: amigas, presenciais e virtuais, e parentes. Ressaltamos, na comunidade de leitoras,

que ela não se limita apenas às conversas compartilhadas sobre os livros. Essa rede de prazer se estende e perdura nas relações de amizade que produz.

Por fim, enfatizamos que, se o valor atribuído ao livro em si é pequeno, o diferencial na comunidade estudada é aquele atribuído ao gênero, pois, se o livro, como produção material, pode ser descartado, não é por causa da procura incessante pelo gênero no qual tal leitura se situa: o sentimental. Assim, além de perguntarmos quem lê tanto romance, devemos começar a nos indagar também porque se lê tanto romance.

Artigo

Recebido: 05/10/2014

Aprovado: 02/11/2014

**Keywords:**

**public policy,  
mass literature,  
sentimental novel,  
reading community,  
reading practices.**

**ABSTRACT: Public policies for reading, in Brazil, has consistently minimized the role of literature in shaping the readers. Meanwhile, the habit of reading in particular sentimental novels is extremely popular in our country. Despite being an intense cultural practice, in academia, the absence of reflections that elect such empirical object is flagrant. Therefore sentimental novels and reading practices give support for the object of reflection of this work. Reading, as we are reminded by Sarlo (1990), as a social conditioned activity through which the meanings are organized in a sense, always implies the acquisition of skills, what Jameson (2010) calls social contract between writer and audience that pose a risk to the limits and conditions of production and reception of a book, which are materialized in their reading communities. In this research , then , we choose as the object of analysis a specific community of reading, located in Fortaleza, called here, the readers of Granja Portugal (GP). Finally, we conclude that reading sentimental novels are not only well situated as a leisure option, but as a cultural practice that gives us important clues to understand as a gender identity is formed and from which parameters are developed and transformed.**

## Referências

ABREU, Marcia et alli. Os caminhos dos livros. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ANDRADE, R. M. B; SILVA, E. H. O império das emoções e a literatura sentimental no Brasil. *Contracampo (UFF)*, v. 22, p. 32-44, 2011.

ANDRADE, R. M. B; SILVA, E. H. A vida em cor de rosa: o romance sentimental e a ditadura militar no Brasil. *Revista FAMECOS (Online)*, v. 17, p. 41-48, 2010a.

ANDRADE, R. M. B; SILVA, E. H. Corpos que falam: erotismo, amor e paixão no romance sentimental. *Comunicarte*, v. 30, p. 9-25, 2010b.

ANDRADE, R. M. B; SILVA, E. H. Os romances sentimentais do Século XX no Brasil. IN: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2008.

AVERBUCK, L. (org). Literatura em tempo de cultura de massa. São Paulo: Nobel, 1984.

BARBERO, J. M. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

BENJAMIM, S. The theory of “identity dissonance”: massa communication romance fiction, and the self-concept. Toronto: York University Press, 1999.

BOURDIEU, P. La distinction: Critique sociale du jugement (A distinção: crítica social do gosto). Paris: Minuit, 1979.

BRASIL. Constituição (1988). Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.753.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.753.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2012.

BUN, J. C. The effects of romance novel readership on relationship beliefs, romantic ideals and relational satisfaction. Tese de Doutorado. Boston College, 2007.

DUNGEE, P. M. I. Integrated marketing communications at harlequin enterprises: the marketing of happily ever after. Dissertação de Mestrado. Seton Hall University, 2003.

CALDAS, Waldenyr. Literatura da cultura de massa. 3ed. São Paulo: Musa, 2001.

CHARTIER, R. S A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília. Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, R. (org). Práticas de leitura. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2011.

CHRISTINA-SMITH, L. K. Gender, popular culture and curriculum: adolescent romance novels as gender text. In: Curriculum Inquiry. Ontario Institute for studies and education. Ontario: John Wiley & Sons. Inc., 1987.

CROPANI, O. F. Livro, biblioteca e leitura no Brasil. Brasília: [s.n.], 1998. Disponível em: <<http://www9.cultura.gov.br/textos/of01.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

CUNHA, M. T. S. Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FISKE, J. Television culture (Cultura da televisão). London: Methuen, 1987.

JAMESON, F. *Marxism and form: 20th century dialectical theories of literature*. Princeton: Princeton University, 2010.

LINDOSO, F. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para cultura/política para o livro*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

RADWAY, J.. *Reading the romance: women, patriarchy and popular literature (Lendo romances: mulheres, patriarcalismo e literatura popular)*. London: Verso, 1987.

RANDELL, K. *Happily ever after: a guide to reading interest in romance fiction*. Littleton: Libraries Unlimited, 1987.

SAMONÁ, C. *Los códigos de la novela sentimental (Os códigos da novela sentimental) IN: Historia y crítica de la literatura española. (História e crítica da literatura espanhola)*. Barcelona: Crítica, 1980.

SARLO, B. *La narrativa sentimental: el genero desde la perspectiva sociocultural*. In: *Genre studies in hispanic literatura*. Center of Latin American and Caribbean Studies. Michigan: University of Michigan, 1990.

SODRÉ, M. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.